

ENCERRAMENTO

Síntese Final dos Trabalhos

Fernando Regateiro

Permitam-me, V. Ex.^{as}, que cumprimente a Ex.^{ma} Senhora Secretária de Estado da Educação e Inovação, Prof.^a Doutora Ana Benavente, e lhe testemunhe a subida honra que representa participar na mesa de encerramento deste Seminário com a elaboração da síntese final dos trabalhos. À Ex.^{ma} Senhora Presidente do CNE, Prof.^a Doutora Teresa Ambrósio, expresso o meu vivo reconhecimento pela prova de confiança manifestada.

Pela extrema riqueza das comunicações e das reflexões suscitadas, a síntese dos trabalhos desenvolvidos no âmbito deste Seminário sobre ensino experimental e construção dos saberes corre o risco da parcialidade inerente a toda a síntese, não só pela subjectividade de quem a elabora, mas também pela impossibilidade de assimilar e ponderar, no imediato, a multiplicidade dos contributos produzidos.

Consciente destes riscos direi que o ensino experimental é visto como uma forma diferente de ensinar e aprender centrada no aluno, um instrumento e um meio formativo ao serviço de novas perspectivas de ensino, uma maneira evoluída de fazer conviver no processo educativo o desenvolvimento de capacidades cognitivas, científicas e práticas, uma forma de aprofundar a educação para a cidadania. Dirige-se para o ensino das ciências como componente da educação para a cidadania, mas também valoriza a componente humanista da educação.

O ensino experimental inserido na construção de saberes apresenta-se como:

- uma forma de evoluir, a partir de práticas convencionais, para uma prática educativa em que se desfaçam as hierarquias disciplinares;
- um meio de modificar a percepção da sociedade sobre o valor dos diversos tipos de inteligência, promovendo as competências adaptativas e práticas ao nível das demais competências;
- uma forma de promoção do “aprender a fazer”, do “aprender a aprender” e do “aprender a viver em comum”.

O desenvolvimento do ensino experimental passará:

- pelo repensar dos “currícula” e dos conteúdos e pela identificação dos núcleos essenciais de saberes;
- pela integração do trabalho experimental em actividades didácticas mais amplas com objectivos próprios;
- pela acentuação da componente local do currículo;
- pela agilização das respostas educativas de uma forma individualizada em função das solicitações recebidas pelas escolas;
- pela atracção para a escola da problematização oriunda do exterior da escola;
- por uma organização adequada de escola em termos de recursos humanos, de espaços, de equipamento, de tempos lectivos;
- pela formação adequada dos professores (inicial e contínua) não só em termos de competências, mas também de atitudes e comportamentos face à vertente experimental do ensino como suporte para a construção dos saberes (a atitude do professor é mais importante do que os meios);
- pela valorização, pela sociedade e pela escola, não só das dimensões relativas ao saber, mas também ao saber fazer, ao saber estar e ao saber viver em comum;
- por um compromisso político, pelos meios que exige, pelas formas específicas de os proporcionar e, sobretudo, pela nova visão das competências a transmitir aos alunos que a escola deve assumir como essenciais para a próxima geração.

Desta forma, espera-se que através do ensino experimental ocorra:

- uma maior atracção dos alunos para a escola, na medida em que origine soluções para a problematização e a valorize;
- o fomento da autonomia, da criatividade e do trabalho cooperativo em contraponto à passividade e ao individualismo;
- a aquisição de novas competências adaptativas indispensáveis para o exercício da cidadania no futuro;

- a modificação dos referenciais utilizados para a avaliação das competências dos alunos e do valor absoluto e relativo das disciplinas, de modo a englobar outras dimensões para além das dimensões intelectualizadas e teóricas;
- a modificação da hierarquia valorativa por parte da sociedade, em relação às profissões baseadas na aquisição de competências práticas;
- um maior e melhor suporte para o desenvolvimento do País, nomeadamente pela valorização dos recursos locais e regionais salientados por uma maior ligação da escola ao meio.

Muito obrigado pela atenção de V. Ex.^{as}.

Intervenção da Presidente do Conselho Nacional de Educação

Maria Teresa Ambrósio

Senhora Secretária de Estado da Educação e Inovação

Senhores Conselheiros

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Queria agradecer muito especial e formalmente à Senhora Secretária de Estado o facto de encerrar a nossa Sessão. E queria ligar estas palavras às primeiras palavras que foram pronunciadas com a presença do Senhor Ministro — que se veja neste contributo do Conselho duas coisas: por um lado, o querer ser também parceiro na discussão pública da renovação curricular em curso, renovação que passa necessariamente pelo reforço do ensino experimental, um lugar de confronto das perspectivas da investigação no campo da didáctica e da teoria curricular, com os conhecimentos de quem trabalha no terreno e conhece as dificuldades da administração pedagógica curricular e escolar; e, por outro lado, fazer intervir os parceiros sociais, aqui representados neste Conselho, e que têm também as suas expectativas, as suas representações relativamente àquilo que hoje se exige do currículo e nomeadamente do ensino experimental.

Creio que conseguimos discutir as várias formas, os vários conceitos, as várias perspectivas da influência ou não influência, positiva ou negativa, da aprendizagem experimental, como hoje foi aqui dito, e muito bem, em vez de ensino experimental nas suas relações com a evolução curricular. Restamos poder continuar, e muito especialmente, poder também fazer que os nossos parceiros menos implicados na gestão ou na investigação científica possam também pronunciar-se. Porquê? Porque também foi dito aqui, e o Senhor Ministro acentuou-o, que hoje a questão principal e que está na agenda política das políticas educativas de todo o mundo, e muito especialmente na Europa, é a renovação curricular dos conteúdos, dos métodos, da organização escolar, do envolvimento escolar com outros centros e outras fontes de aprendizagem.

Conhecemos o esforço que hoje aqui foi também apresentado pelas diferentes Direcções-Gerais do que se está a fazer neste campo, da muita preocupação que existe, da muita experimentação e também daquilo que se julga poderem vir a ser dentro em breve novas orientações. Porquê começarmos pelo ensino experimental? Porque é aquele a que realmente a opinião pública neste momento começa a ser muito sensível. Vimos hoje aqui também, com a intervenção do Prof. Victor Gil, que nos explicitou o trabalho inovador dos museus e dos centros de interacção da Ciência Viva, bem como com o inquérito que foi apresentado pela Prof. Maria Odete Valente, que esta questão de ensino experimental — ou melhor, da aprendizagem experimental — começa a ser actual; e que muitas pessoas ainda, como nós aliás temos ocasião de ver nas várias entrevistas, sobretudo nos meios de comunicação social, associam ainda muito os currículos ao número de horas, ao equilíbrio entre horários, suscitando algumas emoções que provavelmente não deviam ser aquelas mais pertinentes.

Assim, é neste sentido de poder contribuir para uma discussão, para a criação de uma opinião pública, para uma capacidade de intervenção suficientemente informada por parte da sociedade civil, que o Conselho promove este Seminário. Por ser essa a sua missão, fizemos este Seminário, e tenho bem a impressão de que não pode ser o último: primeiro, porque muitas perguntas ficaram por responder no primeiro painel, segundo, porque no segundo painel muitas questões foram levantadas. E, no fundo, porque como aqui foi dito pelo Senhor Director do Departamento de Educação Básica, todas estas formas de olhar para uma educação em que os alunos constroem os seus conhecimentos praticando, experimentando, são propostas que já têm pelo menos cem anos; mas são teorias que só agora começam a aparecer no discurso político, como seja por exemplo o conceito de “learning by doing” e que já é de há muitos anos. Começamos uma caminhada que provavelmente não se esgota dentro de dois ou três meses, mas é uma caminhada que obriga a trabalho continuado, e a criação de opinião pública.

Por isso mesmo o Conselho vai criar uma Comissão Especializada de acompanhamento da mudança curricular que, nomeadamente por causa do ensino experimental, irá dando os seus pareceres sobre esta matéria, procurando assim também contribuir para a orientação e os objectivos da política educativa actual no Ministério. Muito obrigado pela sua presença.

Intervenção da Secretária de Estado da Educação e Inovação

Ana Benavente

Senhora Presidente do Conselho Nacional de Educação

Senhores Conselheiros

Senhores Convidados e Participantes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É sempre um bocadinho arriscado dizer algumas palavras no final de um dia em que com tempo aprofundaram, debateram, analisaram de modo cuidado os temas que aqui estão referenciados.

Em primeiro lugar, gostava de dizer que há, naturalmente, nesta abordagem da questão do ensino experimental e construção de saberes dois níveis de realidade ou dois registos, dois modos de aproximação. Um primeiro de natureza mais teórica, mais conceptual, mais de debate entre investigadores, especialistas, técnicos, professores. Desse ponto de vista, já aqui ouvi fazer referência a vários conceitos que me parecem muito importantes, falando por exemplo de hierarquias entre disciplinas, o facto de que não deve haver disciplinas fortes e fracas, que todos os saberes têm a sua importância, que a nossa escola tem vivido uma oposição entre a teoria e a prática que não faz qualquer sentido, porque entre a mão e o cérebro são sociais as separações que se criaram ao longo do tempo, e que não há pensamento sem acção nem acção que não seja dirigida pela inteligência, que os conteúdos têm que ter um estatuto de suporte de construção de competências. Por outro lado, a escola tem cada vez mais que se centrar não nas matérias, mas nos alunos, porque aquilo que se avalia, aquilo que se visa, o objectivo da escola é garantir as aprendizagens como um direito de cidadania e não limitar-se, naquela linguagem corrente ou quotidiana, a “dar programas”, a assegurar um determinado currículo, mas é realmente a qualidade das aprendizagens que visamos.

Ora interrogar a escola actual do ponto de vista do ensino experimental obriga a reformular o papel do professor, o papel do aluno, o estatuto dos saberes, a organização pedagógica da escola, a gestão curricular e a interrogar evidências com as quais nos habituámos a conviver, transformando nomeadamente aquilo que designamos como escola. Uma escola não é apenas um conjunto de salas, uma escola são provavelmente outros espaços de aprendizagem, como os museus. Uma escola não tem que estar organizada forçosamente em 50 minutos, pode haver outros modos de organizar os tempos pedagógicos.

O ensino experimental não se refere apenas às ciências, e penso que também terão tido ocasião aqui de debater esse aspecto. Estou a pensar na escola de Vila das Aves que é um laboratório de formação, de educação e de educação para a cidadania, de educação de cidadãos em todas as acepções da palavra. As dimensões científicas, as dimensões sociais, a língua portuguesa, a história, toda a abordagem do conhecimento e do saber numa perspectiva experimental, é uma relação com o conhecimento distinta, que não pode estar restrita àquilo que são as ciências experimentais. Quando se fala de ensino experimental, pensa-se no Ciência Viva, na área das ciências experimentais. Ora quando falamos de ensino experimental e construção de saberes, interrogando a escola, temos que interrogar toda a relação com o saber em qualquer domínio, seja o domínio das ciências ditas experimentais, seja o domínio das humanidades, das letras, a própria vida da escola e a relação entre essas várias actividades e entre essas várias aprendizagens e quem aprende.

Mas para além disso acho que há depois um outro nível muito mais difícil, que é o da concretização. Sem me querer repetir, aqui há algum tempo ouvi uma pequena história a que achei muita graça, que eu creio que já contei. Não sei se algumas das pessoas presentes já a ouviram, mas julgo que vem a propósito a história do rato que está muito cansado de fugir à frente do gato e vai perguntar à coruja o que há-de fazer, porque não consegue fugir mais, e a coruja dá-lhe uma óptima ideia. Diz: “Transforma-te de perseguido em perseguidor, transforma-te tu em cão, e persegues tu o gato”. Ele disse: “Mas olha que boa ideia, nesta é que eu não tinha pensado”, e vai-se embora. Passados uns dias, volta e pergunta à coruja: “Ó coruja, realmente é uma grande ideia, mas agora como é que eu me transformo de rato em cão”? — “Isso é uma mera questão de concretização”. Evidentemente

não lhe deu resposta e eu acho que esta história — em cada momento há sempre umas histórias que nos ajudam a dizer de uma maneira mais directa aquilo que está em jogo — mostra-nos que uma coisa é dizermos isto que acabámos aqui de ouvir na síntese, outra coisa é olharmos para as nossas escolas como elas estão organizadas, como elas funcionam com os seus programas, com os seus materiais, com os seus suportes, e saber como é que se passa dessa realidade para esta outra.

Dizer, por exemplo, que não há disciplinas fortes e fracas, que não deve haver uma hierarquização entre as disciplinas, está certo, mas como é que lá chegamos? Eu devo dizer, com algum conforto e satisfação, que neste momento já temos um certo número de escolas em que, sem grandes alar-des, sem grandes conflitos, sem grande ruído, isso está a ser feito. Temos, neste momento, umas dezenas de escolas que, através da gestão curricular flexível, ou seja, precisamente, da liberdade de gerir o currículo, têm esta preocupação de construir as competências, de encontrar núcleos essenciais estruturantes de conhecimentos em cada disciplina ou cada área disciplinar. Sublinhe-se o papel do estudo acompanhado, que garante competências transversais, que a escola no passado dificilmente assegurava. Saber estudar, saber organizar-se, saber elaborar um trabalho individual, um trabalho de grupo, saber dividir o trabalho, coordená-lo, cumprir prazos, saber fazer uma síntese, saber separar o essencial do acessório, identificar as dúvidas que se têm, saber utilizar os manuais e os instrumentos de trabalho que estão à disposição, saber pesquisar em várias linguagens, ir buscar a várias fontes aquilo que é relevante para um problema, para um tema que se está a trabalhar — tudo isto são aprendizagens absolutamente decisivas para um ensino experimental. Aprendizagens transversais que aproveitam a todas as áreas do conhecimento, que aproveitam a todas as disciplinas e que o estudo acompanhado está a permitir de uma maneira simples, garantir, sem grandes sofisticções.

Também o projecto interdisciplinar, que já está a ser desenvolvido no ensino básico e que está previsto na revisão curricular existir também no ensino secundário, está a conseguir fazer uma coisa que pode parecer modesta, mas é porventura a primeira que temos que conseguir: ir aos programas das diferentes disciplinas e identificar os conhecimentos comuns que ali estão, que nunca se articulam ou que raramente se articulam. O que leva, por exemplo, um jovem a perguntar se o Camões do Português é o

mesmo Camões da História, porque ouviu falar dele num momento diferente e de uma maneira distinta, ou, por exemplo, o tema das escalas que os alunos trabalham em diversas disciplinas e que raramente utilizam de um modo prático, acabando a sua formação escolar sem as saber utilizar. Dito de outra maneira, isto leva-nos à questão dos saberes que estão, muitas vezes, demasiado ligados aos contextos de aprendizagem, e quando um aluno se confronta (uma criança, um jovem) com esse conhecimento noutra contexto, por vezes não o identifica, porque não há esse trabalho de transposição, de utilizar esse conhecimento fora desse contexto em que é aprendido. Isso o projecto interdisciplinar está a conseguir fazê-lo, não sem algumas dificuldades do ponto de vista dos professores, evidentemente, porque são modos de trabalhar distintos dos tradicionais e que traduzem sem dúvida nenhuma uma preocupação com uma perspectiva experimental no sentido amplo da palavra.

Também a hora de direcção de turma, de educação para a cidadania é um espaço de liberdade que permite abordar, discutir, debater, aprofundar os temas que sejam considerados pertinentes e relevantes.

E penso que o que está a ser feito no Ciência Viva ou por outras vias através de projectos que são desenvolvidos nas escolas, são grandes contributos que podem facilitar a construção deste caminho para uma escola com saberes pertinentes e com saberes que são construídos e apropriados pelas crianças e pelos jovens.

E se há meia-dúzia de anos neste debate eu me teria situado numa perspectiva intelectual e depois iria buscar três ou quatro escolas, daquelas escolas pioneiras que contra a corrente sempre fizeram um trabalho distinto, neste momento posso dizer — e digo com modéstia, porque é um início, mas com satisfação —, que nós estamos a conseguir que escolas se transformem devagarinho, ao seu próprio ritmo, em organizações inteligentes que aprendem, com círculos de estudo, a apoiar o trabalho dos professores. São professores que nós não conhecemos dos habituais seminários ou projectos em que todos há muitos anos andamos envolvidos, professores que se debatiam com problemas que queriam ultrapassar e que ocuparam este espaço que lhes foi proposto da liberdade de gestão curricular para desenvolver os seus projectos educativos. Temos realmente escolas iguais a muitas outras, umas melhor equipadas, outras menos bem, umas com tradição no trabalho

experimental, outras sem essa tradição, umas com projectos parcelares inovadores, outras nem tanto, que estão neste momento a percorrer o caminho de centrar o seu projecto educativo na aprendizagem dos alunos, na construção dos saberes. Nesses casos, o ensino experimental não é apenas um reduto — aquele reduto acarinhado e positivo no meio dum território mais tradicional, expositivo e livresco —, mas está-se a conseguir que realmente uma nova atitude, um modo de viver e de aprender experimental centrado nos alunos se concretize nas nossas escolas.

E por isso mesmo considero que este tema é um tema muito pertinente, actual, útil, e agradeço este contributo e todos os contributos que o Conselho Nacional de Educação já deu e certamente vai continuar a dar para que tenhamos uma escola melhor, uma escola em que todos aprendam mais e melhor, tanto no ensino básico, como no ensino secundário, que é o objectivo de todos nós.

Obrigado.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO